

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho
O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.**

**GT 06 - Subcontratación y organización de trabajadores
precarios**

**A Subcontratação do Trabalho no Setor de Confecção
em Jaraguá-GO**

Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de
Campinas (UNICAMP)

A Subcontratação do Trabalho no Setor de Confecção em Jaraguá-GO

Resumo:

No âmbito da discussão acerca das transformações do mundo do trabalho, cujo principal elemento é a flexibilização materializada no processo de reestruturação produtiva, o artigo em questão destaca o trabalho realizado no setor de confecção da cidade de Jaraguá-GO. A subcontratação, por meio da utilização do trabalho domiciliar, é a estratégia que melhor caracteriza a dinâmica do setor, que também é marcado por processos com pouca ou nenhuma inovação tecnológica, com predomínio de baixos níveis salariais e trabalhadores jovens com pouca escolaridade. A análise proposta baseia-se em dados provenientes das bases de dados do Censo e da RAIS 2010, bem como de algumas entrevistas semi-estruturadas, que em conjunto têm por objetivo compor um quadro que visibilize o perfil dos trabalhadores, bem como as condições do trabalho subcontratado no setor produtivo em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Confecção. Subcontratação. Gênero.

INTRODUÇÃO

A mundialização, dada pelo processo de transnacionalização do capital e impulsionada por elementos econômicos e políticos neoliberais, afetou não só as estruturas sociais, mas também, de forma direta, o mundo do trabalho e a classe trabalhadora. Com a retração do binômio taylorismo/fordismo e a emergência de novas tecnologias ocorreu uma transformação na lógica do processo produtivo e na organização do trabalho.

Nesta nova conjuntura, a palavra de ordem passa a ser a flexibilidade e essa se materializa no processo de reestruturação do capital, rearranjo social resultado de decisões políticas de setores que, frente a uma nova correlação de forças entre capital e trabalho, decidiram não só romper com o pacto social anterior, caracterizado pela estabilidade e seguridade social, como também destruir o conjunto institucionalidades que deram lugar a chamada sociedade salarial (CASTEL, 1998).

As políticas neoliberais, em nome da produtividade e da competitividade, impulsionaram a desregulamentação das relações de trabalho e a privatização de amplos setores da economia. Tais processos, somados ao desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação possibilitaram o processo de descentralização e desterritorialização do espaço produtivo. Deste modo, o emprego estável, especializado e regulamentado, deu lugar a formas de trabalho mais desregulamentadas, reduzindo fortemente o conjunto de trabalhadores estáveis e estruturados por meio de empregos formais.

Dentre os tipos de trabalho diretamente afetados pela reestruturação do capital, destaca-se aquele realizado em um dos segmentos industriais mais disseminados no mundo, e que é uma importante fonte de geração de renda e emprego em muitos países, sobretudo aqueles em processo de desenvolvimento, qual seja: as indústrias de confecção de vestuário, integrantes do complexo têxtil. Neste segmento industrial, o processo de terceirização adquire uma nova centralidade na lógica de reestruturação do setor, visando torná-lo mais competitivo e, em contrapartida, flexível. Em geral as indústrias de confecção são caracterizadas pela utilização da descentralização, flexibilização e subcontratação da produção com o objetivo de reduzir custos, sonegar os benefícios e direitos assegurados aos trabalhadores pela legislação ao longo da cadeia. Neste contexto as empresas contratadas tendem a utilizar-se da intensificação e extensão da jornada de trabalho para que sejam capazes de cumprir os prazos exigidos

pelas contratantes. O pior é que essas cadeias têm em geral na ponta final um grande número de trabalhadores subcontratados que trabalham em seus domicílios, possuem pouca ou nenhuma capacidade de negociação e atuação coletiva, devido ao pouco contato com os demais e as condições em que as atividades são exercidas.

OBJETIVO

A proposta em questão tem como objeto de investigação o trabalho realizado nas empresas de confecção e nas facções domiciliares exercido no arranjo produtivo de confecção da cidade de Jaraguá- GO. Este estudo se justifica pelo fato de que Jaraguá possui as mais altas taxas de especialização da atividade de confecções no Estado e poucas são as pesquisas que objetivam investigar a organização e as condições de trabalho que estruturam essa cadeia produtiva. Ademais, a visibilização destas condições pode ajudar a influenciar o desenho e a implementação de políticas públicas na cidade.

METODOLOGIA

Enquanto desdobramento de minha pesquisa de doutorado, a análise aqui proposta baseia-se nos primeiros dados da pesquisa em Jaraguá provenientes das bases de dados do Censo e RAIS 2010, cujos resultados serão utilizados para compor um quadro que visibilize o perfil dos trabalhadores, as condições e jornadas de trabalho, bem como a estruturação das relações de gênero no interior do referido setor produtivo. Serão utilizadas também análises de algumas entrevistas que compõem a etapa qualitativa da pesquisa, bem como uma breve revisão de literatura sobre as características do trabalho nas indústrias de confecção no Brasil e em outros países da América Latina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade de Jaraguá situa-se a 107 km da capital do Estado de Goiás, Goiânia, e tem uma população de pouco mais de 41 mil habitantes (Dados IBGE, Censo 2010). O arranjo produtivo da região caracteriza-se por uma aglomeração produtiva especializada no setor de confecção com regime tecnológico de baixa complexidade e relações de trabalho marcadas pela subcontratação (CASTRO, 2004).

A atividade de confecção no município eclodiu em meados dos anos 1980. A exploração da atividade se deu pela implantação de um empreendimento familiar de confecção que gerou muitos empregos na região e estimulou a emergência de novos negócios no ramo. O constante crescimento da atividade na cidade fez com que emergisse a Associação Comercial e Industrial de Jaraguá (ACIJ) que, paulatinamente, se configurou como um importante instrumento de defesa das empresas do APL, principalmente as que são legalizadas e optam por práticas mais regulamentadas de trabalho. De acordo com estudo realizado pelo SEBRAE (2003), o índice de concentração de atividades por setor, conhecido como coeficiente locacional (QL), para o Estado de Goiás, aponta em Jaraguá uma das mais altas taxas de especialização da atividade de confecções no Estado.

O Arranjo Produtivo de Jaraguá envolve empresas nos setores de confecção, facção, lavanderias, acabamentos pré e pós-lavagem, bordados, estamparia, além de representantes comerciais, fornecedores, transportadoras e setores de corte, estilismo e modelismo. De acordo com dados RAIS 2010 foram encontradas 282 empresas formalizadas no Arranjo Produtivo Local de Jaraguá, que empregam em seu conjunto 2.223 trabalhadores. Já segundo dados do Censo 2010, que engloba também o setor informal, existem em Jaraguá aproximadamente 4781 pessoas envolvidas com atividade de confecção.

A comparação entre as duas bases de dados, indica que mais da metade da população ocupada no setor de confecção em Jaraguá estão submetidas a condições de trabalho desregulamentadas. Convém destacar, ainda, a existência de parcela considerável de empresas não registradas, “de fundo de quintal”, que assumem dimensões variadas e atuam como subcontratadas de outras empresas. Em geral, as empresas domiciliares utilizam-se do trabalho intensivo de todos os membros familiares, inclusive crianças e adolescentes, o que implica em prejuízos à infância e à educação escolar. A subcontratação, característica peculiar desta estruturação, ocorre como uma alternativa para flexibilizar a produção, reduzir custos e responder a picos de demanda, o que vem sendo apontado na literatura como uma tendência geral deste segmento no Brasil e em outros países da América Latina (SPINDEL, 1983).

Também Abreu e Sorj (2003), em pesquisas realizadas no setor de confecção, encontraram características semelhantes. Segundo elas, as indústrias de confecção são caracterizadas pela utilização da descentralização e flexibilização da produção com o objetivo de reduzir custos, sonegar os benefícios e direitos assegurados pela legislação;

utilizam-se da intensificação e extensão da jornada de trabalho para que sejam capazes de cumprir os prazos exigidos pela empresa contratante; possuem pouca ou nenhuma capacidade de negociação e atuação coletiva, devido ao pouco contato entre os trabalhadores, que executam suas atividades de forma dispersa. A indústria de confecção caracteriza-se, de um modo geral, por processos com pouca ou nenhuma inovação tecnológica, com predominância de baixos níveis salariais, trabalhadores com pouca escolaridade e alta rotatividade. Acrescente-se a isto, o fato de que as longas jornadas, além de serem prejudiciais à saúde, impactam também no convívio social e no lazer dos trabalhadores.

No que tange as relações de gênero, ao considerarmos os dados da RAIS 2010, verifica-se um grande envolvimento de homens com a atividade. Segundo tais dados, existe na cidade o registro de 873 vínculos formalizados no setor, sendo 470 de homens e 403 de mulheres. Já os resultados apontados pela base de dados do Censo, cujo elemento mais importante para os estudos do mercado de trabalho é a inserção de trabalhadores informais na amostra, contraria a tendência encontrada tanto em nível nacional, regional e estadual no sentido de que existem mais homens do que mulheres envolvidos com a atividade: 2.400 homens e 2.382 mulheres.

As análises realizadas permite-nos auferir que o setor produtivo em questão, estrutura-se tendo por base a utilização do trabalho domiciliar, precário e flexível, cuja mão-de-obra é predominantemente jovem e pouco escolarizada.

A subcontratação é a prática que melhor caracteriza a dinâmica do arranjo. As confecções formalizadas terceirizam parte de sua produção para a ponta mais precária da cadeia produtiva, ou seja, para as facções domiciliares, cujas principais características são a constante intensificação do trabalho, a baixa qualificação profissional, a baixa remuneração, pouca ou nenhuma inovação tecnológica, utilização de mão-de-obra infantil, bem como interação constante entre a atividade profissional e trabalho doméstico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alice de Paiva; SORJ, Bila. Trabalho a domicílio e relações de gênero: as costureiras externas do Rio de Janeiro. In: ABREU, Alice de Paiva; SORJ, Bila (Org.). *O trabalho invisível: estudos sobre trabalhadores a domicílio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1993. p. 49-61.

ARAÚJO, Ângela M. Carneiro; AMORIM, Elaine Regina Aguiar. Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.17/18, p. 267-310, 2001/2002.

CASTRO, Sérgio Duarte. *O arranjo produtivo de confecções da região de Jaraguá-Go*. Relatório de atividades da Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais. UFRJ. Instituto de Economia. Março, 2004^a. Disponível em <www.ie.ufrj.br/redesist>

HIRATA, Helena. Mundialização, divisão sexual do trabalho e movimentos feministas transnacionais. *Cadernos de Crítica Feminista*, Ano III, n. 2, dez. 2009.

LEITE, Marcia de Paula. As bordadeiras de Ibatinga: trabalho a domicílio e prática sindical. *Cad. Pagu* [online]. 2009, n.32, pp. 183-214. ISSN 0104-8333.

_____. *Tecendo a precarização: gênero, trabalho e emprego na indústria de confecções em São Paulo*. SP: ANPOCS, 2004. (mimeo).

OLIVEIRA, Miguel I. L.; LEITE, Tasso S. A Inovação em Arranjos Produtivo Locais: o caso de Jaraguá. *Estudos*, Goiânia, v. 34, n. 9/10, p. 695-711, set./out. 2007.

SEBRAE. *Mapeamento das aglomerações produtivas especializadas de Goiás: identificação e caracterização de APL potenciais do Estado de Goiás*. Goiânia: Sebrae, 2003.

SPINDEL, Cheywa R. *O “uso” do trabalho da mulher na indústria do vestuário*. In: BARROSO, Carmén; COSTA, Albertina Oliveira (org). *Mulher, mulheres*. São Paulo: Cortez, 1983.